



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

YASMIM LARISSA GONÇALVES DOS SANTOS

REPRESENTAÇÕES SOBRE POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DA CRÔNICA “DUAS VIAGENS AO BRASIL” DE
HANS STADEN

Recife

2025

YASMIM LARISSA GONÇALVES DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOBRE POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DA CRÔNICA “DUAS VIAGENS AO BRASIL” DE
HANS STADEN**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História, como requisito para obtenção do
título de Licenciada em História.

Orientadora: Mariana Albuquerque Dantas

Recife

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S237r Santos, Yasmim Larissa Gonçalves dos.
Representações sobre povos indígenas: uma análise historiográfica a partir da crônica " Duas Viagens ao Brasil " de Hans Staden / Yasmim Larissa Gonçalves dos Santos. - Recife, 2025.
24 f.

Orientador(a): Mariana Albuquerque Dantas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências.

1. Staden, Hans, ca. 1525-ca. 1576. 2. Crônicas .
3. Indígenas. 4. Indígenas 5. Casamento - Indígenas.
I. Dantas, Mariana Albuquerque, orient. II. Título

CDD 909

AGRADECIMENTOS

A trajetória até a finalização do curso foi marcada por desafios, alegrias, conquistas e algumas lágrimas também. Em diversos momentos acabei sendo meu principal obstáculo, implacavelmente me cobrando constantemente uma perfeição que nem sempre é possível. Esquecendo que, em alguns momentos, são nas imperfeições que conquistam-se os maiores amadurecimentos.

Agradeço aos meus pais, Miricleide e Valmir, por terem me apoiado tanto em minhas escolhas. Por terem sido, em diversos momentos, meus maiores incentivadores na busca pelos meus sonhos, mesmo quando muitos disseram que vocês tinham enlouquecido de apoiar a filha a prestar vestibular para História e desistir de ser engenheira. Amo vocês e me inspiro na sua garra de sempre buscar seus objetivos.

A minha prima Ellen Patrice, que é uma irmã que nunca duvidou em nenhum momento de mim. Agradeço porque mesmo quando nem eu mesma acreditava que ia conseguir. Minha querida prima, que sempre fala com um orgulho tremendo que além de uma mãe professora, também tem uma prima professora de História, sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos. E caminhou comigo em diversos momentos dessa trajetória, porque sempre disse que o brilho dos meus olhos quando falava que estava estudando História, era para si o maior presente que eu poderia proporcionar.

Agradeço aos meus amigos que formei ao longo dessa caminhada, a vocês meu mais sincero obrigado. Nos momentos em que as cobranças do meio pareciam nos enlouquecer, eram nossas conversas no corredor, nossas risadas por questões triviais, o apoio e a torcida por cada conquista que alçamos que me ajudaram a equilibrar essa montanha-russa de estágio, pesquisa, trabalho e estudos.

Agradeço a minha querida orientadora Mariana Dantas, quando cheguei com uma proposta de orientação era uma estudante muito feliz e empolgada com uma temática, porém sem um norte totalmente definido. Ela foi muito mais do que orientadora, permitindo que eu ampliasse meus olhares acerca do tema à medida que amadurecesse meus conhecimentos, para assim “conquistar o céu ao mesmo tempo que solidificava meu chão”. A história de sociedades indígenas foi uma temática que conquistou meu coração no início da universidade. Através dela e com ela conquistei voos mais altos do que poderia imaginar e também é com ela que pretendo alcançar ainda mais.

RESUMO

Este trabalho propõe um olhar acerca da crônica “Duas Viagens ao Brasil” (1557) de Hans Staden analisando as formas que o discurso do cronista do século XVI influenciou as maneiras pelas quais sociedades indígenas e suas relações sociais e culturais são refletidas. Atentando-se sobre como o contato de Staden com diferentes povos indígenas, desde Pernambuco até Bertioga, foi moldando sua visão acerca dessas sociedades. Através do levantamento bibliográfico de trabalhos de autores como João Pacheco de Oliveira e Elisa Garcia, propõe-se uma revisão bibliográfica que toma como ponto central o protagonismo desses povos nas transformações sociais e culturais presentes em seus cotidianos. Assim como, o poder que a tomada de crônicas de viajantes como fonte verídica das realidades de povos indígenas do século XVI tem na criação de estereótipos sobre essas comunidades. Ademais, destaca-se o papel ativo das mulheres indígenas como molas centrais de suas comunidades, seja através das atividades desenvolvidas ao estabelecimento de alianças por meio de casamentos. Buscando assim, olhar para as imagens desenvolvidas em torno dos indígenas do século XVI, como também produtos de uma realidade social que entendia nesse, o outro que deveria ser civilizado por preceitos e normas de uma sociedade europeia tida como civilizada.

Palavras-chave: Hans Staden; Crônicas de Viajantes; Indígenas; Mulheres indígenas; Casamentos Indígenas;

ABSTRACT

This work proposes a look at the chronicle “True History: An account of cannibal captivity in Brazil” (1557) by Hans Staden analyzing the ways in which the discourse of the sixteenth-century chronicler influenced the ways in which indigenous societies and their social and cultural relations are reflected. Paying attention to how Staden's contact with different indigenous peoples, from Pernambuco to Bertioga, shaped his vision of these societies. Through a bibliographic survey of works by authors such as João Pacheco de Oliveira and Elisa Garcia, proposing a bibliographic review that takes as its central point the protagonism of these peoples in the social and cultural transformations present in their daily lives. Likewise, the power that taking travelers' chronicles as a truthful source of the realities of indigenous peoples of the sixteenth-century has in creating stereotypes about these communities. Furthermore, the active role of indigenous women as central drivers of their communities is highlighted, whether through activities developed or through the establishment of alliances through marriage. Thus, seeking to look at the images developed around indigenous people of the sixteenth - century, as well as products of a social reality that is understood in this, the other who should be civilized by precepts and norms of a European society considered civilized.

Keywords: Hans Staden; Traveler's Chronicles; Indigenous; Indigenous Women; Indigenous Marriage

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** ----- 7
2. **“DUAS VIAGENS AO BRASIL”: O IMPACTO DA DISCUSSÃO SOBRE O OUTRO**
----- 11
3. **A MULHER TUPINAMBÁ: A IMAGEM DE BRUXA E CANIBAL DE UMA**
EUROPA COM RESQUÍCIOS MEDIEVAIS ----- 14
4. **CASAMENTOS INDÍGENAS: UMA INSTITUIÇÃO EM DEBATE** ----- 19
5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** ----- 20

Introdução

Este artigo teve como objetivo analisar as representações sobre os povos indígenas, com ênfase nos Tupinambá, elaboradas por Hans Staden na sua conhecida obra “Duas Viagens ao Brasil”, publicada pela primeira vez em 1550, após alguns anos de retorno do autor à Europa. Para entender um pouco da obra, se faz necessário uma breve apresentação acerca do autor. Nascido em Homberg, na Província de Hessen-Nassau, na Alemanha, viajou ao Brasil durante dois momentos (Lima, 2014, p. 41). Na segunda e última viagem à terra até então pouco conhecida, foi capturado e permaneceu alguns meses como prisioneiro dos Tupinambá. Ao voltar à Europa, publicou em 1557 a primeira versão do conhecido texto narrando as vivências entre os Tupinambá e como conseguiu sobreviver entre os nativos.

Antes de continuar o debate em torno da figura e da obra de Staden, é importante entender que as crônicas de viajantes, ao longo de anos recentes, foram cada vez mais analisadas para pensar esse território que posteriormente seria nomeado Brasil. Diversas pesquisas foram produzidas tomando tais crônicas como uma das principais fontes de análise tanto das situações com as quais os colonizadores se depararam quando começam a invadir o Brasil a partir do século XVI, quanto para compreender como ocorreram as relações sociais durante o processo de colonização (Franco, 2011, p.75). É importante ressaltar a necessidade de observar os relatos dos viajantes com atenção e criticidade, evitando reproduzir os discursos como supostas verdades inquestionáveis.

Uma das primeiras crônicas sobre o chamado Novo Mundo foi produzida por um mercenário alemão que esteve inserido na sociedade indígena Tupinambá como prisioneiro durante alguns meses. Hans Staden, na segunda viagem ao Brasil, foi capturado e se deslocou por regiões do atual litoral Sul do Brasil, então Ilha de São Vicente (Staden, 2011, p. 43). Mas antes de debruçar-se acerca da análise das situações vivenciadas por Staden durante sua segunda visita é importante iniciar alguns debates, relacionado aos contatos do mercenário alemão com diferentes sociedades indígenas durante sua passagem pelo Novo Mundo.

No quadro a seguir evidenciamos que antes de ter contato com o povo Tupinambá, o alemão Staden conheceu diferentes sociedades e estabeleceu relações com as mesmas. Em específico com os Caeté, como será melhor apresentado adiante, que entrou em conflito ao se aliar ao lado dos portugueses durante a disputa pela tomada da região de Igarassu.

Quadro 1: Povos indígenas com os quais Staden teve contato em suas viagens

Povo indígena	Localidade
Caeté	Pernambuco
Potiguar	Paraíba
Carijó	Porto de Santa Catarina

Fonte: Staden, 2011, p. 28-38.

Outra questão é a cronologia de publicação dos relatos de Staden. A primeira edição foi publicada em 1557 na Alemanha, e a sua segunda edição datada do mesmo ano (Staden, 2013, p.4). Isso reflete alguns indicativos, como o interesse do mercado europeu pela obra, pois o contato do público no velho continente com as informações sobre o chamado Novo Mundo era, nesse primeiro momento, pelos relatos desses cronistas.

A primeira versão da obra de Staden no Brasil foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), por Alencar Araripe, em 1892 (Staden, 2013, p.3). E entre 1900 e 1930 houve pelo menos mais três publicações. A primeira (1900) traduzida por Alfredo Löfgren; a segunda, na década de 20, foi traduzida pelo conhecido escritor Monteiro Lobato e uma terceira edição foi publicada em 1930, reeditada a partir da anteriormente publicada em 1900, pela Academia Brasileira de Letras em uma série de publicações, com prefácio de Afrânio Peixoto (Lima, 2014, p.47).

Observando essas breves informações acerca da circulação da obra no mercado brasileiro no início do século XX, percebe-se o impacto que a mesma teve no pensamento nacional acerca dos indígenas desde do século XIX. E assim, refletir sobre a obra é também analisar como a imagem do indígena foi sendo construída a partir da narrativa literária produzida acerca deles.

Pensando no público europeu no século XVI, que era um dos destinatários de Staden, as informações sobre esse Novo Mundo recém colonizado, eram, em sua maioria, elaboradas pelos relatos de mercenários, missionários ou mesmo naufragos e degredados. A construção de uma visão acerca dos indígenas como os canibais-belicosos, que não tinham fé, viviam em constantes conflitos com os outros grupos, e devoravam os inimigos quando vitoriosos, evidenciava um certo toque de atração sobre o público europeu, que se considerava civilizado, em relação ao outro ou ao diferente de si. Uma questão importante, também, observada é como algumas modificações podem ser identificadas dependendo da edição da obra de Staden. Em específico utilizamos neste estudo a análise de pelo menos duas edições:

a de 2011, com introdução de Eduardo Bueno e tradução de Angel Bojadsen, e a de 2013, publicada pela Fundação Darcy Ribeiro com a tradução de Alberto Löfgren. Revelando que até mesmo na atualidade essa obra também se mostra marcada pelas influências de quem a produz.

Outros exemplos dessas diferenças serão discutidos mais adiante, mas ao analisar duas edições de uma mesma obra, observamos diferenciações que reforçam a ideia de que uma narrativa muito dificilmente é imparcial. Os tradutores fizeram escolhas que melhor se alinhavam com o que entendiam acerca da obra. Giuseppe Adorno era escrivão e tesoureiro do engenho na tradução publicada em 2011 (2011, p.49), e tornou-se caixeiro e gerente na versão de 2013 (2013, p.61). Ou seja, se observa que nas duas edições referenciadas para debate um mesmo personagem foi traduzido como praticando funções distintas. Esse tipo de diferença também foi observada em outras partes dos textos como é a narrativa de um diálogo entre Hans Staden e uma mulher indígena Tupinambá nos momentos iniciais de sua captura: “*Xe nama poepika aé!*”, “com este golpe vingo o homem que foi morto pelos teus amigos” (2011, p.54) se torna “*Sche innamme pepike a e*”, que significaria “vingo em ti o golpe que matou meu amigo, o qual foi morto por aqueles entre os quais tu estiveste” (2013, p.70).

A perspectiva de análise que adotamos foi embasada nas discussões de João Pacheco de Oliveira, que abordou a necessidade de reflexões a partir de um olhar criterioso, considerando as intencionalidades dos cronistas que moldam suas perspectivas sobre a realidade sociocultural em que estavam envolvidos. Nesse sentido, a pesquisa em torno da fonte, a narrativa de Hans Staden, buscou refletir se as diferentes descrições convergem sobre um objeto (Pacheco de Oliveira, 1987, p.87), ou seja, se foi possível perceber a recorrência na aparição de certas características ou aspectos daquelas sociedades citadas. E como isso sendo reflexo dos lugares sociais e das intencionalidades do autor da referida fonte. Cada cronista apresentou aspectos sociais e políticos aos quais foi diretamente ou indiretamente influenciado.

A metodologia da pesquisa foi a de levantamento bibliográfico, tomando como referências duas edições diferentes da crônica, e análises atuais que apresentam perspectivas diferentes sobre os povos indígenas e que buscam pensá-las como protagonistas das mobilizações e mudanças socioculturais. Entendendo que os indígenas desenvolveram inúmeras relações com outros sujeitos históricos a partir das situações nas quais estavam inseridos. A crônica principal analisada ao longo do nosso estudo demonstrou como a população Tupinambá teve como um dos motivos para capturar Staden a suposição de que o mesmo seria português, portanto, um inimigo. Os Tupinambá se entendiam como aliados dos

franceses: “Eles retrucaram que eu devia estar mentindo, pois o que estaria eu fazendo no meio dos portugueses em sendo eu amigo e parente dos franceses!” (Staden, 2011, p. 58).

É importante nesse momento realizar uma breve explanação acerca das mudanças nas relações estabelecidas entre europeus e indígenas no período em que Hans Staden se encontra inserido entre os Tupinambá. A visão do indígena como o inocente e influenciável de Caminha (Caminha, Séc. XVI), vai se modificando à medida que cresce o interesse, entre outros, pela exploração pelos recursos do *Novo Mundo*. Diferente de nações como França, Holanda e Inglaterra que via esse novo continente com fascínio, o imaginário português era dominado pelas Índias (Cunha, 2012, p. 29) e nas riquezas conquistadas com seu lucrativo comércio. Mas isso se modifica quando diferentes nações começam a estabelecer relações comerciais e alianças com os indígenas desse novo continente.

Foi possível observar como o autor buscou apresentar através de seu discurso uma visão sobre sociedades indígenas que as coloca, entre outras características, como irredutíveis e agressivas nas suas ações. Isso pode ser observado quando narrou como os indígenas realizavam o ritual de consumo da carne dos seus inimigos através de danças e festejos. É Vespúcio, destacamos, um dos primeiros que com seus relatos, começa esse processo de transfiguração das imagens dos indígenas de inocentes em suas ações, para figuras agressivas que estabeleciam conflitos não por posses e riquezas como terras, mas sim para vingar seus parentes que perderam suas vidas no passado em disputas contra tais inimigos (Cunha, 2012, p. 33).

Dessa forma, a intenção foi mapear a construção de estereótipos acerca de povos indígenas, nos discursos do citado cronista, e apontar como essa narrativa é uma forma de negar as mobilizações e as participações ativas dos nativos nas mudanças e nos movimentos em que se inseriram. Assim, criavam-se e propagavam-se imagens que os associavam apenas a instabilidades e conflitos (Alves, 2019, p.77).

Ao mesmo tempo, é importante observar que Staden refletia na narrativa as diferenças entre os diversos povos indígenas. Por exemplo, no relato percebe-se que o autor buscou mostrar quais as alianças estavam marcando as relações estabelecidas entre os europeus e os indígenas. No quadro abaixo, apresentamos as alianças:

Quadro 2 - Alianças entre indígenas e europeus

Povo Indígena	Localidade	Forma como o indígena é representado	Alianças observadas
Carijó	Ilha de Santa Catarina	"Lá vivia uma tribo de selvagens chamados Carijós, com os quais deveríamos ter muito cuidado. Os nativos na região de Superagüi, os Tupiniquins, no entanto, eram amigos, e deles nada tínhamos a temer."	Nesse trecho Staden narrou os conflitos entre os portugueses e os Carijó, diferente das relações com os Tupiniquim marcadas por alianças.
Potiguara	Paraíba	"Ao chegarmos, encontramos um navio da França que estava carregando pau-brasil. Atacamo-lo e esperávamos tomá-lo; mas eles danificaram nosso grande mastro."	A presença ativa francesa no litoral brasileiro do XVI e sua capacidade de estabelecer alianças com as populações indígenas na região. O trecho parece indicar uma adversidade entre os Potiguar e portugueses, e a aliança desses indígenas com os franceses, através do mercado de pau-brasil
Caeté	Pernambuco	"Por culpa dos portugueses, eclodiu um tumulto dos selvagens numa região, a dos Caetés, que até então tinha sido tranqüila, e o capitão do país nos implorou pela graça de Deus que acorrêssemos em ajuda à localidade de Igarauçu, a cinco milhas de Olinda e que os selvagens ajuda à localidade de Igarauçu"	A resistência indígena à presença portuguesa na região. Combatendo a visão do indígena como ser passivo durante o processo colonial.

Fonte: Staden, 2011, p. 28-35.

“Duas viagens ao Brasil”: o impacto da discussão sobre o Outro

A visão do outro canibal? Um herói salvo através da fé? A leitura de Staden tende a provocar no seu público leitor diferentes visões sobre suas vivências entre os indígenas.

Como afirmamos, no início deste texto, Staden veio ao Brasil durante dois momentos. Apesar de pouco debatidas, as descrições do autor de sua primeira estadia no Brasil contém informações importantes, que já podem refletir como os indígenas eram percebidos por Staden, antes mesmo de ser capturado pelo povo Tupinambá.

O autor teve contato com outras sociedades indígenas durante essa primeira visita, em específico, destaca-se os Caeté, habitantes em regiões do litoral brasileiro naquele período. Staden teve contato com os mesmos ao atracar em Pernambuco, quando vivenciou o conflito com os portugueses, e lutou ao lado dos lusitanos contra a tomada de Igarassu pelos indígenas (Staden, 2011, p.28). Ao longo do conflito, o alemão narrou algumas das estratégias dos Caeté no conflito, como a construção de fortificações, flechas embebidas de cera para incendiar os telhados das casas. Ele afirmou que os Caeté “ameaçavam também nos comer caso nos pegassem” (2011, p.29). Esse último trecho é importante de ser observado com atenção, pois apresenta um povo indígena como adepto da prática de consumo de carne humana. Assim, percebe-se que, para Staden, essa característica não era exclusiva dos Tupinambá. Sendo possível que o alemão tenha enxergado nestes últimos uma forma de reforçar e generalizar, através de sua narrativa, a imagem dos indígenas como conflituosos e selvagens.

Por isso, também se entende que Staden, assim como outros cronistas e navegantes no período como Américo Vespúcio e Pero Vaz de Caminha, elaboram sobre si mesmo uma imagem de herói e de alguém que superou as incertezas e os perigos em busca de aventuras, ou interesses pessoais. Apresentado algumas breves indicações acerca de alguns dos interesses que motivaram Staden a realizar a viagem, a primeira viagem teve a intenção de chegar às Índias, talvez interessado na realização de comércio das especiarias presentes na região. A vinda ao Novo Mundo, em primeiro momento, teria sido provocada por uma “coincidência”, pois:

No que lhe pedi que me ajudasse a encontrar uma outra oportunidade para a viagem, visto que ele conhecia a língua do país. Comprometi-me a retribuir-lhe de alguma forma. Ele me engajou num navio como artilheiro. O capitão desse navio, de nome Penteadado, tinha a intenção de navegar até o Brasil como comerciante. (Staden, 2011, p.23)

Sobre o Novo Mundo pouco se sabia, as informações demoravam a circular, então um livro que narra as memórias de um autor, sendo este prisioneiro de uma comunidade pouco

conhecida, teve um grande impacto e criou imagens em torno dessa sociedade. A imagética de supostos canibais que vivem constantemente em conflitos parece ter sido um argumento bastante convincente para um mundo europeu, que se entendia como superior tanto social quanto culturalmente. As duas primeiras edições da obra de Staden datam do mesmo ano, entre 1558 e 1593 foram sete vezes publicadas na Europa (Staden, 2013, p.4). Demonstrando como foi o impacto da obra no mercado europeu.

Com isso entende-se que, apesar do impacto mais explícito pela narrativa de Staden em torno da construção de imagens sobre a população Tupinambá, o cronista narrou o contato com outros povos indígenas, como por exemplo os Carijó. Em específico, Staden, em sua segunda vinda ao Brasil, relatou que tinha um indígena Carijó como seu escravizado (2013, p.61), ou guarda-costa (2011, p.49), que tanto caçava para ele como o guiava pela floresta.

Outro indicativo desse contato do cronista alemão com outras sociedades indígenas foi sua atenção em descrever as relações de inimizades entre diferentes sociedades. Na segunda vinda ao Brasil, Staden ficou sob jurisdição portuguesa, então em seu relato é possível perceber que se atentou em marcar as alianças estabelecidas entre portugueses e Tupiniquim, e de como esses últimos se apresentaram como inimigos tanto dos Carijó quanto dos Tupinambá (Staden, 2013, p. 54).

A população Tupinambá foi descrita por outros cronistas, como Gabriel Soares de Souza, tratando sobre a povoação em regiões da Bahia por comunidades consideradas mais gentis (Monteiro, 1992, p.122). A chegada do povo Tupinambá à região teria acirrado os conflitos com outros povos indígenas e, com isso, Gabriel Soares de Souza estabeleceu um paralelo de associação dessa população indígena a uma vivência conflituosa.

Essa informação se torna ainda mais importante quando se pensa na construção de Staden da sua própria imagem como um indivíduo salvo através da fé:

Eu tinha feito uma cruz com dois troncos grossos e a ergui frente à cabana onde eu vivia. Lá orava frequentemente ao Senhor. Aos selvagens tinha recomendado não arrancá-la, pois isso poderia lhes trazer uma desgraça; no entanto, eles não levaram em conta minhas palavras. Uma vez em que eu saí com eles para pescar, uma mulher arrancou a cruz e deu-a a seu marido. Ele devia usar a cruz para esmigalhar as conchas dos caracóis do mar, com as quais faziam uma espécie de rosário. Isso me causou enorme desgosto. Pouco depois começou a chover, e choveu durante dias. Vieram, então, à minha cabana, e exigiram que eu tratasse com o meu Deus para que a chuva parasse (Staden, 2011, p.4).

Staden buscou constantemente, e isso é possível de observar através de seu relato, associar questões naturais como, por exemplo, uma grande quantidade de chuva, como o trecho acima, a intervenções divinas que teriam permitido sua sobrevivência entre os indígenas. Dessa forma, também reforçou a característica de selvageria dos Tupinambá, explícita na oposição à fé cristã. Essa foi também uma estratégia de convencimento do público leitor e de sujeitos importantes que teriam contato com sua obra, como é o caso de Philipsen Landgraf de Hessen, Conde de Katzenelnbogen, Dietz, príncipe protestante alemão a quem Staden dedicou a obra.

As duas viagens de Staden ao novo continente foram marcadas pelas relações que estabeleceu com sociedades indígenas. Apesar de pouco destacada, foi na primeira viagem, que o autor teve contato com as primeiras sociedades indígenas, participando tanto como aliado, quanto como inimigo em conflitos. A narrativa que desenvolveu sobre os indígenas e a visão de um outro não civilizado com costumes e belicoso em seu cotidiano tiveram nos Tupinambá um reforço, não um contato inicial. O Novo Mundo para Staden não era apenas uma possibilidade, era fortalecimento de uma imagem sobre aqueles diferentes do europeu no século XVI.

A mulher Tupinambá: a imagem de bruxa e canibal de uma Europa com resquícios medievais.

As mulheres indígenas durante anos tiveram suas imagens e representações vinculadas à hipersexualização de suas existências (Garcia; Julio, 2024, p.325). Da Iracema de José de Alencar à narrativa sexualizada e generalista de Gilberto Freyre, as representações de mulheres indígenas através da focalização de aspectos estéticos ou como secundárias no processo de colonização por meio de entrelaces sexuais e amorosos, têm nas crônicas de viajantes do período colonial algumas de suas principais fontes na criação. Esses discursos negaram as vozes de mulheres indígenas, na medida que as narraram como sedutoras e selvagens através da evocação de um discurso religioso enxergando no Novo Mundo uma nova forma de se disseminar.

Cronistas como Américo Vespúcio e o próprio Hans Staden atribuíram sobre as figuras femininas indígenas, com as quais tiveram contato, normativas estéticas e sociais de uma Europa que enxergava as mulheres como seres dependentes e domésticos. Com isso, conseguiram, em muitos momentos, silenciar a presença dessas como possíveis figuras ativas em seus povos. Ao se depararem com mulheres flecheiras, vistas como insaciáveis e

libidinosas nas vontades (Vespúcio, 2012, p.22), se impõe no novo continente a necessidade de uma intervenção civilizadora para os nativos negarem de vez seus instintos mais selvagens enquanto evoluíam pela presença ativa de europeus. Um argumento tomado como referência e justificativa pelos colonizadores para implementação do seu projeto colonial.

A imagem dessas mulheres é pensada a partir de uma perspectiva em que as mesmas não eram agentes de suas sociedades, mas sim mães, esposas e desejosas de unir-se ao europeu colonizador (Vespúcio, 2012, p.23). Silenciando suas existências, privando a realidade de que essas mulheres não eram apenas seres existentes em comunidades, eram ativas realizando diferentes atividades, como o plantio e a colheita de víveres ou a produção de tecidos através do fiar o algodão. A existência como agentes ativos se torna segundo plano, diante da centralização das narrativas sobre seus corpos e suas relações conjugais. As mulheres indígenas, como demonstrado na planilha abaixo, eram essenciais no processo de manutenção de suas sociedades. Sendo a maioria as principais responsáveis pela produção agrícola de seus povos.

Quadro 3 : As mulheres indígenas nas crônicas

Autor e nome da obra	Referência	Atividade empregada
Hans Staden. Duas Viagens ao Brasil.	“Ao nos aproximarmos, nos deparamos com uma pequena aldeia de sete cabanas. Chamavam o lugar de Ubatuba. Dirigimo-nos a uma praia dando para o mar aberto. Bem perto, as mulheres trabalhavam numa lavoura de plantas de raízes que chamam de mandioca.”	Lavoura associada ao plantio da mandioca e à colheita
Gabriel Soares de Souza. Tratado Descritivo do Brasil	“As mulheres já de idade têm cuidado de fazerem a farinha de que se mantêm, e de trazerem a mandioca das roças às costas para a casa; e as que são muito velhas têm cuidado de fazerem vasilhas de barro a mão como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa”	Lavoura: as mulheres mais velhas Tupinambá, segundo o cronista, eram responsáveis pelo processo agrícola.

<p>André Thevet Singularidades da França Antarctica: Que os outros chamam de América</p>	<p>"As mulheres aprisionadas na guerra, casadas ou solteiras, são trata as e maneira igual à dos homens. Apenas não lhes dão marido. Também não vivem tão captivas quanto os homens, tendo liberdade de locomover-se, isto é, podendo trabalhar nos campos ou pescar ostras."</p>	<p>Pesca e Lavoura: As mulheres, em muitos desses cronistas, são descritas como as principais responsáveis pela lavoura em suas comunidades. A pesca, que durante anos apenas foi associada a figuras masculinas, também se mostra ativamente presente entre essas mulheres.</p>
--	---	--

Fontes: Staden, 2011, p. 54; Souza, 2014, p. 328; Thevet, p.240.

Eram essas mulheres conhecedoras das técnicas que melhor deveriam ser implementadas para realizar a produção de forma efetiva. Considerar figuras como essas, que mantêm o equilíbrio social comunitário, como inexistentes ativamente e apenas sendo lembradas quando se fala em estética e relações conjugais é criar e reforçar os estereótipos e a hipersexualização.

As mulheres indígenas são os elementos centrais em diferentes atividades relatadas por esses cronistas. Em específico as mulheres idosas aparecem em obras de cronistas como Hans Staden associadas a processos tidos como bárbaros :

As mulheres idosas nas diversas cabanas que também me tinham causado muito sofrimento ao me arrancar os cabelos e pêlos, desferir-me golpes e ameaçar comer-me, passaram a chamar-me de Chê-raira, o que quer dizer “meu filho”, e pediram: “Não nos deixe morrer. Nós agimos assim com você porque achávamos que você era português, e estamos rancorosos com eles. Já capturamos e comemos alguns portugueses, mas o Deus deles não ficou tão irado quanto o seu. Por isso, reconhecemos que você não pode ser português. (Staden, 2011, p. 71)

Porque para os cronistas, o Novo Mundo era uma região que padecia em pecados. Por isso, é importante entender que muitos dos discursos dos cronistas no século XVI foram diretamente influenciados pelos cânones cristãos do período em que se encontravam inseridos. Então para os cronistas, as mulheres indígenas seriam figuras que tinham sua imagem ligada à perdição por meio de um pecado hediondo que era o consumo de carne humana. As mulheres Tupinambá mais velhas, por exemplo, a partir do relato de cronistas

como Staden, tem o padecimento dos corpos associados à prática, ao longo da vida, do consumo de carne humana (Chicangana-Bayona; Sawczuk, 2009, p. 520).

Nesse momento abrimos um breve parêntese para discutir, de forma mais ativa, um debate que esteve presente ao longo do tempo. Apesar de constantemente serem vistas e propagadas como sinônimos, o canibalismo e a antropofagia são práticas que apresentam certas distinções. Apesar de constantemente associados a canibais, os indígenas Tupi, como os Tupinambá centro dessa discussão, são em grande maioria antropófagos, ou seja, o consumo da carne humana estava associado a uma ritualística de vingança que apresentava elementos específicos em torno de seu ritual e a forma como era realizado. O que se difere dos canibais que, nesse caso, é o consumo de carne humana relacionado também à sociedade (Cunha, 2012, p.37-38).

Visto isso, é importante destacar que o envelhecimento feminino, com descrição nos textos de alguns cronistas, indicava a forma como as mulheres eram enxergadas à medida que amadureciam. Por exemplo, Gabriel Soares de Souza, cronista português citado, descreveu os costumes da população Tupinambá com a qual teve contato, afirmou que na medida que envelheciam as mulheres indígenas acabariam se tornando “desinteressantes”, por isso se aproximavam de homens indígenas mais jovens “porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, granjeiam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos” (Souza, 2014, p.308). Para a sociedade europeia do século XVI, na qual o envelhecimento feminino seria algo feio (Wolf, 2020, p.31), a descrição das mulheres indígenas mais velhas e supostamente antropófagas contribuiu para a construção da narrativa sobre a sua hipersexualização, desumanização e alteridade.

A Europa no século XVI era marcada por conflitos de interesses políticos e econômicos que a tornavam quase um caldeirão de jogos de poder. O processo de colonização no território brasileiro por parte de Portugal, apenas se tornou mais efetivo, como citado, quando percebidas que outras nações estavam tomando a frente no estabelecimento de relações comerciais no território (Fragoso; Gouvêa, 2014, p.218). A vinda de colonos para essa região era bastante influenciada pelos interesses pessoais que marcavam seu deslocamento para uma localidade pouco conhecida até então. A proximidade com a Coroa eram alguns desses. Destacando que essa era uma via de mão dupla, assim como a Coroa necessitava da presença desses colonos como forma de reforçar sua presença e influência no Novo Mundo, aqueles que se dispunham a vir além de estabelecer uma linha de aproximação política com a monarquia, poderiam construir redes de influências e conquistar bens, como terras (Fragoso; Gouvêa, 2014, p.227).

É importante pensar que dependendo de quem era o referencial, ou seja, o autor das crônicas, as imagéticas em torno de sociedades indígenas iam se modificando. Isso se relaciona ao debate que foi levantado acerca da importância de olhar criticamente para essas obras, seja observando a ótica religiosa que regia a sociedade europeia no século XVI, ou perspectiva padronizadora social. A questão é que em muitas dessas crônicas é observado que o autor busca estabelecer um local de diferenciação. Com isso, não é esse colonizador que invade o território diferente, mas sim o indígena é visto como o outro que pode ser civilizado e inserido aos preceitos de uma sociedade tida como evoluída. Então os indígenas no período, para além de figuras diferentes sejam inocentes ou canibais, eram possibilidades para que a Europa se colocasse como pioneira e líder de uma propagação de um ideal normativo.

Com isso, destaca-se que o século XVI, ponto de partida temporal ao longo da discussão, se mostrava inserido numa realidade em que essas nações europeias sentiam a necessidade de se provar como fontes culturais e políticas que influenciam outras regiões e grupos sociais no mundo, era uma forma de reforçar seu poder irradiador de influências. Em uma Europa com a situação política bastante influenciada por seu contexto religioso (Fragoso; Gouvêa, 2014, p.87) a disseminação da religião através do processo colonial foi também uma forma de solidificar seu poderio diante daqueles que entendia como diferente do seu padrão europeu normativo social.

O processo de colonização, implementado no território posteriormente conhecido como Brasil, mostrava um pouco dessa visão de influenciar e estabelecer certas alianças para poder entender e conhecer o ambiente o qual era apresentado (Julio, 2022, p. 49). Dessa forma, representar as mulheres indígenas, em destaque a Tupinambá, como perigosa, evidenciava, dentre outras coisas, uma intencionalidade de criar uma imagem para aqueles que têm contato com essa concepção.

Casamentos indígenas: uma instituição em debate

É importante refletir que os casamentos para os europeus para além de uma instituição poderia ser enxergada como uma forma de reforçar sua civilidade e sua ligação com o religioso. E quando se traz às mulheres para essa equação, o casamento era tanto uma das formas de impor um silenciamento quanto, como são alguns casos refletidos a partir desse momento, de exercerem influências nas situações nas quais se encontravam presentes. Mas uma das coisas observada na presença da instituição casamento na realidade dessas mulheres,

é que algumas vezes para que suas existências e influências fossem reconhecidas, as mesmas precisavam estar associadas a uma figura masculina.

As mulheres indígenas estavam inseridas em sociedades socioculturalmente diferentes da europeia. Mas a partir do momento em que o agente externo, nesse caso o branco colonizador, se inseria nessa equação, se observa que o olhar sobre essas mulheres passa a receber influências diretamente do contexto cultural e político da Europa do século XVI. Que enxergava o casamento como uma instituição ligada à centralidade da figura masculina, ou seja, era uma sociedade que colocava o homem como esse centro das discussões. Então o silenciamento de figuras femininas no século XVI, parte também das formas como essas mulheres eram descritas e narradas por cronistas e missionários que produziam esses relatos acerca dessas sociedades do século XVI.

Apesar de grandes articuladoras políticas, mulheres como Bartira e Catarina Paraguaçu (Garcia, 2020, p.33) estiveram durante anos sob a cortina de fumaça que mostrava a figura de seus companheiros como peça central do tabuleiro. Essas mulheres foram essenciais na formação de alianças entre colonos e indígenas, e a instituição casamento, nesse caso, as auxiliou no processo de solidificação de suas influências. Mas, infelizmente, essa importância foi muitas vezes abafada por narrativas que privilegiavam a centralidade de descrições masculinizantes das realidades.

A transgressão indígena, para as normas canônicas europeias, com relação aos enlaces matrimoniais para além de fugir do visto como correto, era um risco para os cristãos que vinham para a América, seja como aventureiros ou missionários. Isso porque, para alguns desses cronistas, as luxuosas e atrativas atitudes dessas mulheres indígenas poderiam provocar, segundo a visão religiosa europeia do XVI, até mesmo aqueles que tinham entregado sua vida para a fé se sentirem desorientados (Moreira, 2018, p.33).

Sendo importante perceber que esse argumento se modifica, se esses casamentos ocorrem com a intenção de garantir estabilidade política e social da província. Exemplo disso, é o auxílio dos Tabajara aos portugueses durante seu conflito com os povos Potiguara e Caeté na Capitania de Pernambuco. O estabelecimento de uma aliança apenas foi possível através do casamento entre Jerônimo de Albuquerque, cunhado do donatário da Capitania, e Tabira, posteriormente Maria do Espírito Santos Arcoverde, filha do grande líder Potiguar Arco Verde (Almeida, 2010, p.50).

Alguns cronistas como Staden parecem buscar ao longo das descrições explicitar diferenças nas relações matrimoniais entre as sociedades indígenas e aquela conhecida pelos europeus. Dedicando alguns capítulos de sua obra para o debate:

A maioria dos homens tem apenas uma mulher, mas alguns têm mais, e alguns dos chefes têm treze ou quatorze. O chefe Abati-poçanga, a quem fui presenteado por último e de quem os franceses compraram minha liberdade, possuía muitas mulheres, e uma, que tinha sido a primeira, era a chefe entre elas. Cada uma tinha seu próprio espaço na cabana, um fogo próprio e seus próprios pés de mandioca. Ele ficava no apartado daquela com quem estivesse em determinado momento, e ela lhe dava de comer. E assim por diante. (Staden, 2011, p. 128)

Essa reflexão parte de que Staden como uma pessoa de fora, vendo as relações matrimoniais entre comunidades indígenas começou a buscar na sua concepção, marcada pelas influências de seu meio, compreender o casamento. Isso reforça como o cronista buscava muitas vezes engessar os costumes culturais e religiosos de uma sociedade, que era enxergada como diferente, a partir de sua ótica. Ou seja, é parar de se entender como agente externo e julgar aquela sociedade a partir das normativas as quais a sociedade europeia do XVI estava subjugada. E com isso, classificar as relações sociais e culturais que ocorriam naquele meio como incorretas diante de um suposto padrão de civilização. Mas é importante ter atenção, observar os interesses que modificam o olhar. Se os casamentos indígenas eram vistos como antagônicos ao europeu, os mesmos se tornam necessidade quando os portugueses observam que apenas alianças garantiriam que seu projeto colonial seria implementado com mais facilidade apenas se conquistasse o auxílio de comunidades indígenas.

Considerações finais

O alemão Staden, como cronista de seu tempo, era diretamente influenciado pelas situações com as quais entrou em contato ao longo da vida. Como alemão protestante, o cronista era pertencente a um grupo social julgado como diferente e errado diante da visão religiosa católica romana predominante na época. Mas ao se inserir e ter contato com os indígenas americanos, o alemão transfigura sua existência. Ou seja, ao invés de se entender como corpo estranho naquele meio, o mesmo julgou por meio dos preceitos e normativas pelos quais era nivelado e julgado como diferente pelo europeu.

A religião que inicialmente não era centro de sua narrativa, pois as viagens não tinham propósito religioso, cujo foco principal era bastante comercial, vira aspecto central de seu cotidiano. Com isso, observa-se quase uma transformação de seus propósitos. Durante os

meses em que esteve entre os Tupinambá, Staden desenvolve sobre si uma narrativa que caminha para uma suposta redenção, de mercenário movido a interesse para um propagador da *verdadeira fé* àqueles que não a conheciam.

As mulheres são citadas em toda a sua narrativa, assim como de seus antecessores, como figuras ativas em suas sociedades. E Staden propagou sobre as mulheres Tupinambá uma narrativa que as coloca como centro de práticas culturais e sociais em suas comunidades. A visão acerca das mulheres mais velhas mostra resquícios de uma Europa marcada por padronizações estéticas, principalmente sobre os corpos femininos. Mulheres flecheiras e agricultoras parecem chocar o colonizador que buscava no Novo Mundo formas de reforçar sua visão sobre o diferente. O suposto canibalismo indígena é visto como barbárie, e as mulheres estando nesses momentos, algumas vezes em posição de destaque, parecem desestabilizar ainda mais o europeu que buscava normatizar as indígenas ao padrão canônico de Maria.

Buscamos evidenciar nesse texto que combater os estereótipos acerca de sociedades indígenas, que utilizam esses cronistas como fontes inquestionáveis acerca de quem são e como se comportam esses grupos, é um processo que deve ser feito diariamente e historicamente. A visão do indígena como bárbaro leva a julgar práticas sociais a partir de óticas modeladoras etnocêntrica europeia. Enxerga todas as sociedades indígenas como instáveis e conflituosas, é generalizar relações sociais muito mais complexas do que inimizades ocasionadas por alianças. A estereotipação está nos olhos de quem toma a narrativa como generalizadora, a narrativa de Staden, demonstrou diferenças que vão desde alianças a localidades geográficas. Com isso, se entende que a construção da imagem do indígena como ser passivo está mais relacionado aos olhares daqueles que se debruçam sobre a fonte e do que necessariamente das informações presentes nela.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Daniel Aroni. **Bons e maus selvagens: os olhares do Português Gabriel Soares de Souza sobre os indígenas Brasileiros do século XVI**. Dissertação de Mestrado em História Ibérica, Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2019.

BÔAS, Luciana Villas. **O Hans Staden de Portinari**: esquecimento e memória do passado colonial. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 19, n. 27, abr.-maio 2016, p. 103-125.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios na história do Brasil**: história, direitos e cidadania. 1.ed, São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo; SAWCZUK, Susana Inés González. Bruxas e índias filhas de Saturno: Arte, bruxaria e canibalismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009.

DIEGUES. A.C.S. **Ilhas e mares**: simbolismo e Imaginário. Disponível em: < <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Ilhas%20e%20Mares.pdf> > Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro Fragoso; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). **O Brasil Colonial**: volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FRANCO, S. M. S. **Relatos de viagem**: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, M. A. FRANCO, S. M. S. (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, 2: p. 62-86, 2011.

GARCIA, Elisa F. As mulheres indígenas na formação do Brasil: historiografia, agências nativas e símbolos nacionais. In: SANTOS, Georgina; GARCIA, Elisa F. **Mulheres do mundo Atlântico**: gênero, condições femininas da época moderna. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

GARCIA, Elisa F.; JULIO, Suelen S. Trajetórias indígenas. In: ARAUJO, André Melo [et.al]. **A época Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2024. p.319-346.

JULIO, Suelen Siqueira. **Gentias da terra**: gênero e etnia no Rio de Janeiro colonial. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022.

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. Hans Staden duplicado: leitura preliminar da personagem literária e cinematográfica. **Revista Paraibana de História**, ano I, n. 1, 2º semestre de 2014.

MASSIMI, Marina. **Representações acerca dos índios brasileiros em documentos Jesuítas do século XVI.** Disponível em: <
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6799>> Acesso em: 27 de Agosto de 2024.

MONTEIRO, John Manuel. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVII: transformação e Resistência. In: DIAS, Jill Rosemary (org.). **Brasil nas Vésperas do Mundo Moderno.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Casamentos indígenas, casamentos mistos e política na América portuguesa: Amizade, negociação, capitulação e assimilação social.** Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 19, n. 39, p. 29-52, set./dez. 2018 |
<https://www.scielo.br/j/topoi/a/8NtfwpkYdxps33XTh6t3QhQ/?format=pdf&lang=pt>

OLIVEIRA, João Pacheco de. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes. In: João Pacheco de Oliveira. (org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil.** São Paulo: Marco Zero / UFRJ, 1987, v. , p. 84-148.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. De como se obter mão de obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: **Revista História**, n. 129-131, p. 179-208, ago-dez/93 a ago-dez/94 |
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18728/20791/22259&ved=2ahUKEwjjsLSt2vCLAxWXLbkGHdH1H20QFnoECBgQAQ&usg=AOvVaw242H3cJTqlEvXgIMTzxWga>

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Índios, naufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações. In: CAROSO, C., TAVARES, F., PEREIRA, C., (orgs). **Baía de todos os santos: aspectos humanos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 70-101.

PEREIRA, Paulo Roberto. **Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Lacerda editores, 1999.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através do tempo**. Editora Goya, 2.ed, 2019.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil: Primeiros registros sobre o Brasil**. Tradução Eduardo Bueno, Porto Alegre/RS: Editora L & PM Pocket , 2011.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

SOUZA, Gabriel Soares. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. 2. ed São Paulo: Editora Cia das Letras, 2022.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: as cartas que batizaram a América**. Prefácio: Antonio Edmilson Martins Rodrigues. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/novo-mundo-as-cartas-que-batizaram-a-america.pdf&ved=2ahUKEwjhqPurgLSKAXWaDbkGHXWuHmkQFnoECBwQAQ&usg=AOvVaw0LJJ64Msw38uzT1hAzUV2b>>. Acesso em: 19 de nov. de 2024.

THEVET, André. **Singularidades da França Antártica: Que os outros chamam de América**. CIA Editora nacional, 1944.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 15. ed, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.